

## **SOBRE A LEITURA PELO VIÉS DO DISCURSO: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA OBRA “A LINGUAGEM E SEU FUNCIONAMENTO”, DE ENI ORLANDI**

Fabiele Stockmans De Nardi<sup>1</sup>

Verli Petri<sup>2</sup>

A noção de leitura interessa aos analistas de discurso desde os primórdios da teoria materialista que sustenta nossas pesquisas, foi assim com Michel Pêcheux, desde o final dos anos 1960 até os anos 1980; tem sido assim com Eni Orlandi, desde os anos 1980, já leitora de Pêcheux, quando produziu e publicou a obra “A linguagem e seu funcionamento”. Esta obra, que em 2023 completou 40 anos, contribuiu e ainda contribui fortemente com a construção de um modo específico de tratar a leitura, o discurso e a produção de sentidos no Brasil. Nosso objetivo, nesta reflexão, é explicitar algumas implicações da obra em destaque em nosso trabalho cotidiano de analistas de discurso, sobretudo no tocante à noção de leitura no espaço escolar. Partindo da compreensão de que podemos dizer que a AD, enquanto disciplina de interpretação, propõe um modo de ler que coloca em causa a questão do sentido em sua relação com a formação discursiva e, portanto, com o sujeito, a memória e as condições de produção, nossa proposta é de visitar a obra mencionada de Orlandi, instalando nela um observatório para a noção de leitura.

Do conjunto de noções com que trabalha a autora em tal obra, interessa-nos retomar, de forma especial, a questão da literalidade dos sentidos, das condições de produção dos discursos e das possibilidades de leitura que as noções de paráfrase e polissemia nos indicam. Nesta mesma direção, nos esforçamos para compreender melhor a relação entre “tipo” de discurso e práticas de leitura. Trata-se de um retorno aos escritos de Orlandi com vistas a retomar o que neles se diz sobre as noções já elencadas, apontando para o que nos trazem na direção de uma mudança de terreno sobre as formas de ler e tratar os sentidos e suas determinações a partir do olhar da Análise de Discurso materialista.

A autora, ao escrever uma “Nota introdutória – Edição comemorativa”, publicada em setembro de 2023, explicita que tal obra “explora as contradições da relação linguagem, sujeito e história”. Um livro que mostra que a questão da língua é uma questão política. Seu leitor se movimenta entre respostas e novas perguntas” (Orlandi, 2023, p. 8). Também nós, leitoras da obra, nos encontramos com respostas e somos convocadas a fazer novas perguntas. Isso se dá de modo muito especial quando pensamos a leitura no espaço escolar, sobretudo se revisitarmos os livros didáticos de ensino de Língua Portuguesa que insistem em reproduzir as perguntas que cabiam muito bem nos pressupostos de uma Análise de Conteúdo (tão

<sup>1</sup> Doutora em Teorias do Texto e do Discurso. Professora da área de Linguística do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE.

<sup>2</sup> Doutora em Teorias do Texto e do Discurso. Professora da área de Estudos Linguísticos do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – PQ2.

criticada por Pêcheux), mas que não dão conta da interpretação e da compreensão de um texto/discurso tal como aprendemos com a AD.

De fato, entendemos que é preciso fazer dialogar o trabalho da autora com textos fundadores da AD (Pêcheux, 1983, 1984, 1990; Pêcheux; Haroche, 1977), apontando para o que nesse campo específico se apresenta para nós como um modo de ler que exige trabalhar cada sequência discursiva que se dá a ler com o seu exterior, deixando-se entrever as ranhuras da memória no dizer e tratando o sentido como algo que se produz no interior de uma formação discursiva, a partir da qual se pode dizer sobre o texto, o leitor, os lugares sociais em jogo numa prática de leitura, bem como as condições de apropriação do conhecimento que permitem ler uns sentidos e não outros. Ou seja, trata-se de tomar “o discurso em seu vínculo com uma formação social, o modo de produção que a domina em um momento determinado da história e, portanto, das relações de classe que nela se estabelecem (ou que a estabelecem)” (De Nardi, 2023b, p. 202). Entendendo, em nosso caso, que isso produz efeitos sobre os modos de ler, e produz efeitos porque exige um trabalho que, nos termos de Orlandi (1988), permita produzir compreensão, ou seja, um poder dizer sobre o que se lê que o coloca em relação com as condições específicas de sua produção, fazendo ver que o sentido, sempre pode ser outro, mas não pode ser qualquer um, posto que o dizer se realiza inscrito numa dada região do interdiscurso. Já não podemos trabalhar com leitura em sala de aula reproduzindo modelos que poderiam funcionar numa semântica logicista, mas que esbarram nos desafios da leitura de mundo exigida pela expansão das materialidades a ler, por exemplo, que a Internet oportuniza a crianças e jovens o tempo todo. Faz-se necessário estabelecer relações efetivas entre o linguístico e a sua exterioridade, na escola e para além dela, priorizando os processos de produção de sentidos.

Embora muito se tenha avançado no Brasil em termos de pesquisa e produção de material didático para o ensino de línguas, não é incomum que, nas práticas escolares, perguntas como “O que o autor quis dizer com a expressão tal?” “Quem é o personagem principal? Qual é a ideia central do texto?” ainda sejam recorrentes e, muitas vezes, predominantes. Um exemplo que destacamos diz respeito ao Livro Didático (LD) em funcionamento no ensino de Língua Espanhola, considerando as reflexões propostas por De Nardi e Izuel (2018), nas quais encontramos a observação de que, nos LD para o ensino de Língua Espanhola para brasileiros, o que se tende a considerar como o que “deve ser lido” de um texto é a informação mensurável, ou seja, centra-se, a atividade de leitura, no reconhecimento daquilo que está na superfície textual: privilegia-se, assim, no trabalho de leitura, a localização de informação em detrimento da exploração das interpretações possíveis. Nesse trabalho, vimos que as sequências didáticas para leitura tendem a uma estabilidade: algumas perguntas para localizar ou deduzir as informações do texto, a partir dessa localização inicial, especulações sobre o que “quis” dizer o autor com isso e, por fim, perguntas de opinião do aluno sobre o tema abordado. Isso produz a tendência a uma leitura que fica estagnada no parafrástico, ou seja e em conformidade com o que os traz Orlandi (2003), uma leitura caracterizada pelo reconhecimento e a reprodução do sentido que supostamente o autor teria dado ao texto. Ainda que a

leitura parafrástica não seja necessariamente ruim ou indesejável, dados os objetivos que se tenha, entende-se que estamos diante de um problema quando “exercícios” de leitura parafrástica se repetem como uma constante, sem permitir que a leitura avance permitindo a produção de sentidos outros pelo/para o leitor. Mas voltemos à obra de Orlandi...

Orlandi inicia a apresentação da obra em tela dizendo “Para alguns, o já-dito é fechamento de mundo. Porque estabelece, delimita, imobiliza. No entanto, também se pode pensar que aquilo que se diz, uma vez dito, vira coisa no mundo: ganha espessura, faz história.” Tal afirmação torna-se balizadora dos modos de ler de uma geração inteira de analistas de discurso, pois coloca em funcionamento a tensão entre o que já foi dito, o que está sendo dito e o que poderá ser dito no futuro, promovendo a produção dos efeitos de sentidos sem prescindir da noção de “fio do discurso”, remetendo ao interdiscurso que abarca os saberes já ditos e os que constituem o devir, enquanto dizer em potencial. Nesta perspectiva, os interlocutores fazem parte do processo de produção de sentidos, não como centro ou origem do dizer, mas como aqueles que colocam em funcionamento as formações imaginárias que regulam as relações entre sujeitos que tomam posição na produção de dados sentidos e não outros possíveis.

A autora nos convida a estar no “centro do risco que é a tensão entre o já-dito e o a-se-dizer”, colocando em relação aquilo que ressoa - e por isso produz condições para que o sentido se estabeleça - e o que se está dizendo e faz os sentidos se atualizarem, escapando de qualquer possibilidade de literalidade. De mãos dadas com a autora caminhamos para esse centro do risco, no desejo de, parafraseando a questão final proposta por Gadet e Pêcheux ([1977] 2011), esboçar, quiçá, a partir desse retorno às formas de ler pelo viés da AD, uma resposta à seguinte interrogação: **como a concepção de leitura da AD transforma a questão da apropriação social dos conhecimentos?**

Embora não tenhamos o objetivo de responder tal questão de modo definitivo, nos esforçamos em trazer alguns pontos a mais para a discussão, explicitando nosso gesto de interpretação sobre a obra em estudo e o que temos feito como pesquisa no tempo presente. Nossa posição de pesquisadoras está fortemente ligada à posição de professoras universitárias, formadoras de professores e professoras para o ensino de línguas e literaturas nas escolas do nosso país. Refletir sobre a noção de leitura é uma constante para nós e partilhamos isso com nossos alunos, a fim de problematizarmos a noção sem dar uma receita pronta que seja melhor do que outra já conhecida. A **problematização** é tomada aqui, a partir do que nos propõem Aguilar, Glozman, Grondona e Haidar (2014, p. 38) como “modo en que la investigación social, en tanto práctica teórica, puede hacer con aquello que se ofrece como natural, homogéneo y evidente; a partir de esta noción se habilitan otros modos de encarar la puesta en serie de documentos en pos de producir unidades complejas (períodos, problemas, objetos)”<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Tradução nossa: “modo como a investigação social, enquanto prática teórica, pode fazer com aquilo que se oferece como natural, homogêneo e evidente; a partir desta noção se habilitam outros modos de encarar a colocação em série de documentos para produzir unidades complexas (períodos, problemas, objetos)”.

A noção de problematização nos é cara em AD e pode ter um funcionamento bem profícuo no trabalho com a leitura no espaço escolar. Assumir o lugar da problematização é colocar-se em uma relação com aquilo que se oferece para a leitura na direção não de um leitor que, diante do texto a ler, responde a questões propostas, mas que propõe questões, as recoloca sempre e insistentemente, fazendo trabalhar o dito-lido-visto-ouvido em uma interrogação constante e insistente sobre o modo como se formula esse *dizer* em relação com as condições de produção dessa formulação. Assim, se nossos alunos na universidade compreendem a importância da problematização na realização da leitura, poderão orientar seus alunos a desconfiar das evidências, dos fatos de linguagem naturalizados pelo Estado ou por aparelhos ideológicos de outra ordem, construindo a leitura como artefato. Pensar a leitura como artefato implica, como temos reiterado em outros trabalhos (De Nardi, 2023a), debruçar-nos sobre a noção de **forma material** (Orlandi, 1999) para fazer comparecer, nas práticas de leitura, o movimento de um leitor que, ao reconhecer a opacidade dessa forma material, encontra na compreensão do funcionamento das condições de produção de um discurso e seu modo de inscrever nos discursos e na língua modos de dizer que colocam à mostra do trabalho das formações discursivas na determinação dos sentidos.

Se por um lado, a leitura na escola se dá via LD, por outro lado podemos propor a leitura de outros instrumentos linguísticos historicamente postos como lugar de saber estabilizado, tal como é o caso do dicionário. Petri, Teixeira, Laschowski e Venturini (2021, 472) propõem uma reflexão sobre os dicionários escolares, problematizando seu funcionamento em sala de aula, compreendendo as condições de produção do saber dicionarizado e as relações de poder-saber que os atravessam, problematizando “as divisões sociais do trabalho de leitura promovidas no ensino de língua”. Desta perspectiva que defendemos, a leitura questiona as evidências de sentidos, abrindo um leque de possibilidades, tal como nos ensina Orlandi, desde os anos 1980.

Esse escrito sinaliza, portanto, um movimento de retorno à obra de Orlandi que, entendemos, nos permitirá avançar em algumas direções ao retomar o trabalho potente sobre a relação entre compreensão e leitura, apontando para uma prática de leitura e de formação de leitores que prime pela historicização dos dizeres, dos objetos de leitura e das práticas de leitura que sobre eles se fizeram.

Embora não nos tenha sido possível trabalhar mais nessa direção, pretendemos nos debruçar, ainda, sobre a discussão em torno de tipos de discurso, voltando para noções como funcionamento, interlocução, polissemia, com as quais trabalha Orlandi, para pensar as práticas escolares de leitura e suas possibilidades. Fazemos esse trabalho de retomada com o desejo de que ao reafirmar um modo de ler tal como nos propõe a AD e apontar para a possibilidade de que esse modo de ler venha a perpassar as práticas escolares: ler para produzir conhecimento, ler para deslocar.

## REFERÊNCIAS

AGUILLAR; GLOZMAN; GRONDONA; HAIDAR. ¿Qué es un corpus? Entramados y perspectivas. **Revista de La Carrera de Sociología?**, v. 4, n. 4, p. 35-64, 2014.

DE NARDI, Fabiele Stockmans. Entrevista com Fabiele Stockmans De Nardi. *In*: COLAÇA, Joyce Palha; FARIA, Michel Marques de; COSTA, Thaís de Araújo; CARNEIRO, Thiago César da Costa (org.). **Encontros com professoras-pesquisadoras: educação, práxis e discurso**. Campinas, SP: Unicamp/Publicações IEL, 2023. p. 117-144.

DE NARDI, Fabiele Stockmans. Mudar de terreno, seguir construindo terrenos outros... *In*: GRIGOLETTO, Evandra; CARNEIRO, Thiago César da Costa (org.). **Diálogos com Analistas de Discurso: reflexões sobre a relevância do pensamento de Michel Pêcheux hoje**. Campinas: Pontes, 2023b. p. 199-205.

DE NARDI, Fabiele Stockmans; IZUEL, Maria Esperanza. Las condiciones de producción en la lectura: reflexiones sobre la transposición didáctica de textos periodísticos en la clase de Lengua Española. *In*: NOGUEIRA, A. M.; BAPTISTA, L. M. T. R. (org.). **Espanhol no nordeste: espaços de resistência, criação e transformação**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2018. p. 237-254.

ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Edição Comemorativa – 40 anos. Campinas, SP: Pontes, 2023.

ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4.e. Campinas, SP: Pontes, 1996.

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. Há uma via para a linguística fora do logicismo e do sociologismo? Tradução Eni Puccinelli Orlandi. *In*: ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: Michel Pêcheux**. Textos selecionados. Campinas: Pontes, 2011.

PETRI, Verli; TEIXEIRA, Maria Claudia; LACHOSKI, Marilda; VENTURINI, Maria Cleci. A divisão social do trabalho de leitura em dicionários escolares de Língua Portuguesa. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 24, n. 3, p. 468-491, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/rle.v24i3.20059>.